


# TARSILA DO AMARAL, OSWALD DE ANDRADE E O ORIENTE MÉDIO: REFLEXÕES SOBRE ORIENTALISMO TROPICAL


Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, and the Middle East:  
Reflections on Tropical Orientalism

**Monique Sochaczewski<sup>a</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0003-3758-6255>

E-mail: [monique.goldfeld@idp.edu.br](mailto:monique.goldfeld@idp.edu.br)

**Muna Omran<sup>b</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0001-8267-1286>

E-mail: [muna@gepom.com.br](mailto:muna@gepom.com.br)

<sup>a</sup> Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa, IDP,  
Mestrado Profissional em Direito, Justiça e Desenvolvimento,  
São Paulo, SP, Brasil.

<sup>b</sup> Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL),  
Universidade Federal Fluminense,  
Niterói, RJ, Brasil.

## RESUMO

O artigo lança luz à pouco conhecida viagem da pintora Tarsila do Amaral e do escritor Oswald de Andrade ao Oriente Médio no início de 1926. Apresenta-se pesquisa empírica sobre o trajeto seguido pelo casal de modernistas e demais participantes do périplo, para então refletir em que medida a viagem impactou em suas obras. Interessa, por um lado, inserir a viagem em questão no contexto de certa tradição mais ampla de viagens no/para o Oriente Médio e, mais especificamente, de viajantes brasileiros, e em que medida podemos pensar em um Orientalismo Tropical a partir delas.

## PALAVRAS-CHAVES

Modernismo. Oriente médio. Orientalismo.

## ABSTRACT

The article shed light on the little-known travel of the painter Tarsila do Amaral and the writer Oswald de Andrade to the Middle East in early 1926. Presents empirical research on the path followed by the couple of “Modernists” and other participants in the Journey. The aim is to reflect on the extent the trip impacted their work. On the other hand, it is interesting to insert this journey in the context of a broader tradition of travels in/to the Middle East and more specifically Brazilian travelers to this region. And the final question is to what extent we can think of a “Tropical Orientalism” based on this experience.

## KEYWORDS

Brazilian Modernism. Middle East. Orientalism.

O ano de 2022 permitiu muitas revisões e debates sobre a História do Brasil. Por um lado, englobou debates sobre os 200 anos da Independência do Brasil de Portugal. Foi o ano, ainda, em que se renovaram os debates sobre a Semana de 1922, em função de seu centenário, em especial acerca do impacto dela na produção cultural do Brasil ao longo do século XX. Foi, também, o ano que se celebraram os 90 anos do voto feminino no país, tema de suma importância quando houve eleições gerais, e ainda, rara representação feminina na política.

Por um lado, trazer à tona e refletir sobre a viagem que a pintora Tarsila do Amaral e o escritor Oswald de Andrade realizaram em conjunto ao Oriente Médio “de mais de um mês de duração” (BOAVENTURA, 1995, p. 119) em 1926, parece ser um bom exercício para jogar luz a aspectos não óbvios do Modernismo. Tem-se já visto ricas revisões críticas sobre o Modernismo brasileiro, não apenas quanto à ruptura da tradição proposta pelos integrantes da Semana de Arte Moderna, mas, principalmente, sobre os desdobramentos do evento longe dos cânones que imprimiram nele a sua marca. Parece ser válido agregar a isso uma reflexão sobre em que medida a Antropofagia envolvia deglutir, também, as referências extra ocidentais ou em que medida se olhava para o Oriente Médio a partir de referências eurocêntricas. E, em certa medida, atentar, especificamente, para que a viagem de Tarsila lance luz sobre um protagonismo feminino que necessitamos melhor conhecer e, quiçá, festejar. Para os estudiosos do Oriente Médio permite-se, também, conhecer um pouco mais sobre viajantes não-orientais à região quando ela passava por amplas transformações ainda em decorrência do fim do Império Otomano. Para interessados em História Global, não deixa de ser mais um bom exercício em se pensar além do nacionalismo metodológico e, em especial, do ocidentocentrismo.

Esta reflexão busca conjugar três áreas de estudos: pode ser considerada, acima de tudo, sob a ótica dos Estudos de Oriente Médio, na medida que permite reflexão sobre o Orientalismo em geral, assim como um possível orientalismo brasileiro; participa também, ainda que tangencialmente, do esforço no âmbito dos Estudos Feministas, uma vez que permite atentar para as questões de gênero por que passou sobretudo Tarsila do Amaral, no âmbito da viagem em questão; por fim, dialoga com a Teoria Literária, uma vez que ilumina alguns aspectos não óbvios da obra de Oswald de Andrade. Para efeitos de foco e concisão, porém, opta-se aqui em dar sobretudo atenção à questão do Orientalismo,<sup>1</sup> por aprofundar o debate sobre às peculiaridades do mesmo a partir do Brasil, um possível “Orientalismo tropical”. Este último terá por base pesquisa empírica de certa maneira inovadora, bem como consistente.

Qual foi o exato itinerário seguido pelo Oriente Médio e por quê? Por que se sabe tão pouco sobre essa viagem de Tarsila do Amaral e de Oswald de Andrade, artistas tão cultuados no Brasil no último século? Em que medida essa viagem impactou nas obras de ambos? Essas são algumas questões que tentaremos esclarecer e aprofundar no artigo em questão.

A pesquisa parte de uma revisão da literatura secundária, de análise de obras iconográficas (de *catálogo raisonné* a catálogos de exposições) e de escritos literários, apoiando-se sobretudo em pesquisa histórica em periódicos sob guarda da Biblioteca Nacional brasileira, através da Hemeroteca Digital. Os periódicos focados foram: “Correio da Manhã”, “Gazeta de Notícias”, “Jornal do Comércio”, “O Pirralho”, “Fon Fon” e “O Malho”.

<sup>1</sup> Apesar de em grande medida popularizado no meio acadêmico brasileiro, reforça-se aqui o estudo original de Edward Said (1997) sobre o Oriente como em grande medida uma invenção do Ocidente visando sua dominação e reestruturação, garantindo, portanto, seu domínio. Lembra-se ainda esforços como o de Ussama Makdisi (2002) que se debruça sobre o que chama de “orientalismo otomano”, buscando pensar como dentro do próprio Oriente havia gradações de “orientalismo”, especificamente do centro otomano em relação às periferias árabes.

Em função dos efeitos ainda da pandemia da Covid-19, não se pôde ampliar pesquisa presencial em acervos, mas eventuais entrevistas abertas complementares foram também realizadas, sobretudo com familiares de Tarsila do Amaral e pesquisadores que já se debruçam sobre o tema.

O artigo propõe-se a uma breve reflexão sobre o que seria um Orientalismo à brasileira, bem como uma certa tradição de viagens no Oriente Médio e como os brasileiros começaram a fazer parte dessas. Posteriormente, elencamos todos os dados disponíveis sobre a viagem específica realizada por Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade, com familiares e amigos, pelo Oriente Médio no ano de 1926. Passa-se então a uma reflexão sobre as prováveis razões pelas quais escolheram viajar por tal região, para então tratar das eventuais marcas deixadas pela mesma nas obras do escritor Oswald de Andrade e da pintora Tarsila do Amaral.

## PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX: ORIENTALISMO À BRASILEIRA

Edward Said (1995) em seu estudo “Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente”, com primeira edição publicada em 1978, destaca a campanha de Napoleão ao Egito, em 1798, como fato que colocou o Oriente no foco do discurso civilizatório do Ocidente. Esse discurso passou a ser uma estratégia de dominação política e cultural das potências europeias sobre os domínios coloniais. A partir daí, ainda de acordo com Said (1995), teremos muitos autores ocidentais do século XIX e início do XX preocupando-se em representar em suas obras a expansão e a supremacia dos seus impérios:

Mas, para os cidadãos da Inglaterra e França oitocentistas, o império era um grande tema de atenção cultural sem que houvesse qualquer constrangimento. As Índias britânicas e o norte da África francês desempenharam um papel inestimável na imaginação, economia, vida política e trama social das sociedades britânica e francesa, e ao mencionar nomes como Delacroix, Edmund Burke, Ruskin, Carlyle, James e John Stuart Mill, Kipling, Nerval, Flaubert, Conrad, estaremos mapeando um ângulo minúsculo de uma realidade muito mais vasta do que abarcaram seus talentos coletivos, mesmo que imensos (SAID, 1995, p. 39-40).

Apesar de o foco aqui não ser a produção nas artes plásticas, não se pode deixar de apontar que, em especial na Europa, haverá a representação dos orientais cercados de exotismos na paisagem ou na representação do dia a dia, de Lacroix e Gérôme são os principais representantes desta vertente. Já no Brasil, o orientalismo ficou, basicamente, restrito à representação de temáticas e paisagens bíblicas, em sua maioria<sup>2</sup>.

Ainda sobre a literatura europeia oitocentista, como um todo, os autores se envolveram com a “missão” de civilizar, se comprometendo com projetos que civilizariam povos distantes e desconhecidos da Europa. Esses escritores divulgavam, pela ficção, a ideologia colonialista do Grande Império Britânico – *The Great Empire* e desconheciam por completo o gosto, a realidade dos povos colonizados, olhando-os como bárbaros, viam que a sua função como intelectuais seria a de divulgar as benesses da colonização: o “desenvolvimento civilizatório”.

---

<sup>2</sup> No Brasil, predominaram mais passagens de um Oriente cristão, do que o Oriente islâmico. Camila Dazzi, em artigo “Uma Rua em Tânger, e Pedro Américo - representações do Oriente islâmico no Brasil Oitocentista”, publicado em [http://www.dezenovevinte.net/obras/cd\\_orientalismo.htm#\\_edn4](http://www.dezenovevinte.net/obras/cd_orientalismo.htm#_edn4), acesso em 16 de março de 2023, chama a atenção para essa obra de Pedro Américo, que aponta para uma linha orientalista mais dentro da perspectiva europeia.

Já no Brasil do século XIX, não se pode deixar de registrar que houve manifestações orientalistas apontando para o exotismo, sexualizado e primitivista, sem a preocupação de “civilizar”, como se pode observar nos autores românticos Álvares de Azevedo ou em alguns poemas de Castro Alves. Além deles, Machado de Assis, também, talvez tenha sido no século XIX, quem mais aprofundou o orientalismo europeu por aqui. Sendo leitor de Lamartine e de Nerval, autores franceses que viajaram ao Oriente Médio e registram suas experiências, provavelmente, tenham sido a sua fonte orientalista. Afinal quem não se lembra de Conceição do conto “A Missa do Galo” que tinha “vocação para maometana”, por aceitar as traições de seu marido? ou ainda a perplexidade do cronista diante da monogamia do comerciante Assef Aveira, já que o “Alcorão marca para o casamento quatro mulheres”<sup>3</sup>? Chama a atenção que o termo “maometano” ou “muçulmano” na obra de Machado de Assis aparece em algumas cr nicas e contos e uma vez no romance Quincas Borba. Edward Said (1995, p. 70) analisa que o uso destes termos tende a apontar para um err neo entendimento do islã, como os seguidores de Maomé, visto no Ocidente como um libidinoso, logo, os maometanos seriam depravados.

E assim, nas primeiras décadas do século XX, temos Oswald de Andrade, que escreveu o capítulo, “O Esplendor do Oriente”, em seu romance “Serafim Ponte Grande”, a partir da já citada viagem. Porém, propagar as vantagens da colonização, muito provavelmente, não foi o objetivo deste viajante, mas é bem capaz, como observado na produção literária oswaldiana, que havia uma expectativa em encontrar um Oriente cheio de mistérios, lascivo, selvagem, sensual e erótico. Não por acaso, as personagens femininas Pafuncheta e Caridad-Claridad vivem em total liberdade sexual e sem pudores naquele espaço, ambiente adequado para a realização das fantasias sexuais reprimidas pela moral ocidental.

Cláudio de Sousa, outro autor que acompanhou Oswald nessa viagem, por sua vez, em “De Paris ao Oriente” (1928), deixa claro que se frustrou com o que viu e na voz seu personagem Gonçalo, se incomoda em não encontrar o ambiente de “As Mil e Uma Noites”. Para ele, Cairo mais parecia Paris ou Londres e mesmo nos bazares que visitou, via as quinquilharias “trazidas da....Alemanha”.<sup>4</sup> Seu imaginário registrava um Oriente criado na ficção, e era muito mais interessante, já que “[...] como era lindo o Oriente... de longe. Sonho de lenda, deliciosa miragem.”<sup>5</sup> Começando a se desfazer, ainda que lentamente, uma visão estereotipada da região.

Portanto, veremos que em parte da literatura brasileira do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, o Oriente Médio devasso e selvagem se faria presente em várias produções.

## VIAGENS AO ORIENTE MÉDIO: EM GERAL E DE BRASILEIROS

H  uma velha tradição de viagens pelo Oriente Médio, uma vez que as três religiões monoteístas ali presentes – Judaísmo, Cristianismo e Islã, por ordem de surgimento - contam com calendários de peregrinação. Os judeus têm a tradição das *Shalosh Regalim*, as três festas sagradas que no passado faziam com que judeus peregrinassem até o Templo em Jerusalém para cerim nias, a saber: *Pessach*, *Shavuot* e *Sucot*. Já os cristãos também desenvolveram uma tradição de peregrinação   Jerusalém, sobretudo durante a sua Páscoa. Cristãos de regiões de fala  rabe que realizassem tal viagem não raro

<sup>3</sup> ASSIS, Machado de. Disponível em:

<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=28393#C1894>. Acesso em: 20 mar. 2023.

<sup>4</sup> VIAGEM EM PAUTA. Disponível em: <https://viagemempauta.com.br/2023/01/30/prisao-e-desilusao-com-paris-marcam-viagens-de-tarsila-do-amaral/>. Acesso em: 6 mar. 2023.

<sup>5</sup> Idem.

ganhavam o título de *Makdisi*, algo como “aquele que fez peregrinação à Al Quds/Jerusalém”; e hoje esse é um sobrenome de muitos árabes cristãos como é o caso do renomado historiador Ussama Makdisi. Por fim, os muçulmanos têm tradição de viagens uma vez que um dos pilares de sua fé é o *Hajj*, a ida uma vez na vida às cidades sagradas de Meca e Medina, para aqueles que têm recursos para tanto. Aquele que realiza tal feito ganha o título de *Hajji* para homens e *Hajja* para mulheres.

Viajantes das três fés deixaram inúmeros relatos sobre suas viagens como o caso do judeu oriundo da Península Ibérica Benjamin de Tudela no século XII, o cristão veneziano Marco Polo no século XIII e os muçulmanos marroquino Ibn Battuta (sec XIV)<sup>6</sup> e otomano Evlyia Çelebi (sec. XVII).

Conforme a Europa ganhava poder global nos séculos XVIII, XIX e XX passaram, então, a abundar relatos de viajantes daquela região pelo Oriente Médio, como foi o caso da inglesa Lady Mary Wortley Montagu (1689-1762) num compilado de suas cartas do século XVIII publicado inicialmente em 1763 como “Turkish Embassy Letters”; e as publicações de seu compatriota Sir Francis Burton (1821-1890) em especial seu “Personal narrative of a pilgrimage to El Medinah and Meccah”, de 1857, sobre seu *hajj*, apesar de oficialmente cristão. Igualmente, surgem os mistos de descrições etnográficas, dados geográficos, notas históricas, descrição de monumentos e avaliações geopolíticas de Gertrude Bell (1868-1926), em obras como “The desert and the sown” sobre a Síria e a Anatólia, de 1905. Até mesmo Agatha Christie (1868-1976) deixou não só livros de mistérios sobre a região - a saber: “Morte na Mesopotâmia”, “Morte no Nilo” e “Assassinato no Expresso do Oriente” - como seu livro de memórias “Come, tell me how you live”, de 1946, que conta sobre seus dias de escavações na Síria nos anos 1930 com o segundo marido, Max Mallowan.

Entre os viajantes brasileiros, o imperador Dom Pedro II é, inegavelmente, o de maior destaque, tendo visitado a região em 1871 e em 1876-7. Ele era genuinamente apaixonado por estudar, e viajava primeiro nas leituras sobre os grandes temas históricos e de atualidades de sua época – fazia anotações nas laterais dos livros, debatia a respeito do que lia em correspondências, aprendia línguas, e estudava em detalhes fotografias que mandava comprar - e depois saía pelo mundo mesmo. Foram três viagens internacionais durante seu longo reinado de 1840 a 1889, nas quais deixava de lado o título imperial e apresentava-se como Pedro d’Alcantara. Explicava a mudança do nome por querer se livrar um pouco de cerimônias e etiquetas, e lembrava que quem governava como regente o Brasil durante suas viagens era sua filha Isabel. Em 1871 foi a Viena buscar seus netos depois da morte de sua filha Leopoldina, mas assim mesmo conseguiu passar, também, dez dias no Egito. Em 1876-1877 partiu originalmente para prestigiar a exposição do centenário da independência dos EUA, na Filadélfia, mas perambulou pelas duas costas estadunidenses, Canadá, Europa, Rússia e por terras do Império Otomano, chegando até a Núbia, atual Sudão. Por fim, em 1888 foi para a Europa se tratar com médicos locais o que poderia talvez ser diagnosticado hoje como *burnout* (Sochaczewski, 2019, p. 18-32). O acervo que amealhou – entre livros, fotos, mapas e afins – tem as fotografias como parte do Programa Memória do Mundo da Unesco desde 2011. Foi o primeiro conjunto documental brasileiro a integrar o mesmo e está, em grande, parte acessível na Biblioteca Digital da Biblioteca Nacional.

Figuras importantes na virada do século como Cristiano Benedito Ottoni (1811-1896), Eduardo Prado (1860-1901) e Francisco Pereira Passos (1835-1913) também circularam pelo Oriente Médio, curiosos com região tão distante, mas que igualmente realizavam obras

<sup>6</sup> Beatriz Bíssio (2012) é autora de alentada obra em português sobre o viajante Ibn Battuta e o historiador Ibn Khaldun.

como a do Canal de Suez e mesmo de estradas de ferro. Christiano Ottoni (1908, p. 174), em sua autobiografia, diz textualmente que o interesse em 1868 era no Canal de Suez.

Eduardo Prado era membro de uma das mais importantes famílias de cafeicultores do estado de São Paulo no século XIX e fez viagem ao Egito em 1885 em época que atuava como crítico literário e comentarista de política internacional. Um livro a respeito foi publicado na França em 1889, e é obra fascinante por trazer relato detalhado brasileiro do *boom* do turismo à região, que então, ainda oficialmente, pertencia ao Império Otomano. Trata das multidões de turistas - muitos de “caravanas da agência Cook” -, dos hotéis lotados no Cairo, e de toda a estrutura de guias, tradutores (dragomanos), cambistas, carregadores e afins que envolviam. O viajante brasileiro também relatou sobre casamentos, cerimônias de circuncisões, cortejo de mulheres de haréns e enterros que, não raro, via passar. O interessante de sua narrativa, porém, é já uma crítica ao “orientalismo”:

A multidão pitoresca que aparece nas estações, num variegado admirável de cores, de turbantes brancos, turbuches vermelhas, camisolas azuis, mantos negros, representa um povo de trabalhadores incansáveis e não ocioso, como o prejuízo ocidental classifica vulgarmente todo o muçulmano e todo o oriental (PRADO, 1886, p. 102).

Ou ainda:

O primeiro aspecto do Cairo na sua parte nova, nada têm de particular. Às casas lembram às casas novas da Itália; às ruas são largas, plantadas de árvores; há chafarizes horrivelmente europeus; é o céu azul apresenta-se estriado dos longos fios dos telefones que atravessam a ar. Passada essa primeira má impressão, começa o olhar a descobrir quadros encantadores de originalidade (PRADO, 1886, p. 111-112).

Pereira Passos foi prefeito da cidade do Rio de Janeiro de 1902 a 1906. Após essa experiência, voltou a Paris<sup>7</sup> e por três anos morou lá e de lá realizou dois périplos ao Oriente Médio. De janeiro a junho de 1907, visitou o Egito e o Líbano, entre outros lugares. E no início de 1908, esteve na Grécia e no Império Otomano (LENZI, 2000, p. 22). A primeira viagem fez sozinho e a segunda com a família. Teria comprado, em Constantinopla, elementos decorativos para o Salão Assírio do Teatro Municipal (LENZI, 2000, p. 32). No Egito, esteve em Alexandria, Cairo, Luxor e Assuã, tendo ficado bem impressionado com a qualidade dos hotéis do Cairo, e apreciado a cidade como um todo. No Império Otomano, encantou-se com tapetes em Izmir (então chamada Smyrna) e ficou impactado com a chegada a Istambul (então ainda denominada Constantinopla):

A Baía de Constantinopla, para quem veem pelo mar de Mármara, impressiona extraordinariamente. Os Zimbórios de suas mesquitas, às fachadas de alguns grandes edifícios, dispostos como anfiteatros, dão aspecto de grandeza e de originalidade, em que parece que se confundem o Oriente e o Ocidente'. Concluiu comprando com seu Rio de Janeiro,

---

<sup>7</sup> Pereira Passos viveu na cidade francesa entre 1856 e 1860.

porém: ‘A nossa baía é única, não têm rival. É o que presumi e vim verificar visitando Constantinopla’ (LENZI, 2000, p. 62-63).

Os periódicos brasileiros do início do século XX davam ampla atenção ao “Oriente Médio”. “Jornal do Commercio” e “Correio da Manhã”, em especial, traduziam o que os principais periódicos europeus retratavam da fase final otomana, suas guerras, a situação de províncias como o Egito, e relações conturbadas com potências europeias. “O Malho”, por sua vez, trazia várias charadas e charges ligadas à região (muitas vezes comparavam-se os problemas do Brasil ao do “Egypto” e suas pragas e profecias, por exemplo<sup>8</sup>), notas sobre as peculiaridades de se visitar o Cairo e escalar suas pirâmides (“compensa todos os esforços e todos os martírios a que os viajantes submetem às suas articulações oxidadas pelo reumatismo”), além de propagandas como das “Viagens Cook”<sup>9</sup>. Com o avançar dos anos, muitas eram as propagandas de filmes com temática oriental seja com notícias de suas filmagens no exterior (muitas vezes *in loco*), ou em cartaz no Brasil (“Cleópatra” e “Os Amores do Faraó” eram alguns dos títulos noticiados no “Correio da Manhã”<sup>10</sup>). Curiosamente, eram frequentes, igualmente, anúncios de cartomantes com pretensas passagens pelo Oriente (“Madame Gina”, oriental que trabalhava com oráculo, era uma dessas<sup>11</sup>), informes sobre a situação de produções agrícolas, como do algodão no Egito, notas sobre achados arqueológicos, e informações sobre o papel das potências europeias, em especial Inglaterra e França, na região.

Não poderíamos deixar de registrar que o periódico “O Pirralho” (1911-1918), fundado e dirigido por Oswald de Andrade, trazia em suas páginas charges e notícias sobre a região também: “Um telegrama de Londres anuncia que os turcos mataram oitenta mil armênios”<sup>12</sup>. Há ainda referências, na edição 208/1915, aos muçulmanos, também chamados de “maometanos”, denominação comum na época. Além disso, há a referência aos imigrantes sírio-libaneses, denominados “turcos”, e poemas de inspiração orientalista assinados pelos poetas Amadeo Amaral e Guilherme de Almeida, este último deixando registrados nas edições 175 e 182, de 1915 (“Fakir do Egypto” e “Flor de Lotus”). No entanto, nos poemas não há registros de possíveis viagens desses poetas para o Oriente Médio.

Todas essas referências, reforçam que a diáspora sírio-libanesa fora intensa na virada do século XIX e no início do XX, imigrantes que chegaram aqui, ainda, muitos com o passaporte do Império Otomano (daí “turcos”). O final da Primeira Guerra Mundial marca o fim desse império e, conseqüentemente, a redivisão das antigas províncias entre as duas grandes potências mundiais, a França e a Inglaterra, instaurando-se uma situação colonial na região. Essa nova reconfiguração local “gerou um quadro de depressão econômica, conflito e repressão política, afetando de diferentes maneiras a Síria, o Líbano e a Palestina” (PINTO, 2010: 40), por conseguinte, o fluxo migratório se intensificou nas duas décadas seguintes. O convívio com essa comunidade ou o simples fato de saber que existia, desde o século XIX, já lançava luz sobre ela, fosse nos periódicos e jornais fosse em crônicas literárias como já mostrado.

Especificamente, sobre o orientalismo no Brasil no período aqui apresentado, observa-se, porém, que nossos artistas, fossem eles do mundo das letras ou das artes plásticas, em sua maioria mantinham fortes laços com a Europa; Paris era o destino

<sup>8</sup> O MALHO, edição 259, 1909

<sup>9</sup> O MALHO, edição 334, 1909; O Malho, edição 389, 1910

<sup>10</sup> CORREIO DA MANHÃ. “Cleópatra”, 28 ago. 1925; CORREIO DA MANHÃ. “Os amores do Faraó” 9 nov. 1922.

<sup>11</sup> CORREIO DA MANHÃ. 14 maio 1922.

<sup>12</sup> O PIRRALHO, edição 202, 1915.



preferido, e muito provavelmente, conheceram e frequentaram salões de orientalistas, que influenciariam a visão estereotipada do Oriente. O Oriente que predominou na pintura brasileira era aquele que se referia a temáticas bíblicas do Antigo e do Novo Testamento, com exceção do pintor Pedro Américo, que em 1865 esteve no Norte da África, e como resultado produziu obras retratando o local e seus habitantes. Porém, há raros dados sobre essa viagem. Logo, mesmo que o Oriente suscitasse interesse em boa parte de nossa elite intelectual, a Europa sempre seria a prioridade.

## A VIAGEM DE 1926 DE TARSILA E OSWALD

Antes de tratarmos do itinerário seguido por Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade ao Oriente Médio em 1926, vale trazer breves perfis biográficos de ambos e de como as viagens se inserem em suas vidas.

Sobre Tarsila do Amaral (1886-1973), a fim de situá-la, vale dizer que nasceu em Capivari (SP), em uma família de fazendeiros ricos, e teve uma educação tradicional dessa classe social abastada, que envolveu estudos em colégio de freiras, no Brasil e na Espanha. Em 1906 se casou com um primo materno, o médico André Teixeira Pinto. O casamento durou pouco, até depois do nascimento da filha Dulce, ao que tudo indica, porque o marido não lhe dava espaço de expressão. O interessante por indicar seu apreço por viagens, porém, é que Tarsila teria pedido uma lua de mel entre Argentina e Chile, perpassando a Patagônia, e teria sido atendida (PRIORE, 2022, p. 14).<sup>13</sup> Os anos iniciais pós-separação foram dedicados por Tarsila aos cuidados com sua filha, mas quando ela foi estudar na Europa, Tarsila aproveitou a oportunidade para também estudar pintura no Velho Continente. Em 1923, ainda inspirada pelo espírito viajante passou por Itália, França, Portugal e Espanha. No ano seguinte, viajou ao Rio de Janeiro, em percurso que Mario de Andrade registrou como a “Redescoberta do Brasil”, com os modernistas. Na mesma ocasião o grupo percorreu as cidades históricas mineiras. Esta viagem foi muito importante, por permitir conhecer melhor o que seria o Brasil e o que está por detrás de diversas reflexões.

Oswald de Andrade (1890-1950), por sua vez, nascido em São Paulo, era um viajante desde muito jovem. Suas andanças pelo mundo, ajudaram-no a pensar o Brasil e a Antropofagia. Por inúmeras vezes partiu para a Europa visitando vários países, tendo contato com os intelectuais locais. Sua primeira viagem aconteceu em 1912, com total apoio dos pais, na qual visitou diversos países e suas principais cidades, passando a maior parte do tempo em Londres e Paris. Foi na capital francesa que teve contato com o futurismo de Marinetti. Era na Europa que ele se sentia livre, foi lá que se emancipou da família, e foi ainda lá que abandonou o beltrismo, rompendo com a tradição literária, trazendo como bagagem o desejo de renovar a literatura nacional. E é possível também dizer que da Europa conseguiu enxergar o Brasil, como afirmaria mais tarde, “se alguma coisa eu trouxe das minhas viagens à Europa dentre duas guerras, foi o Brasil mesmo” (ANDRADE, 1972 p. 96).

Viajar e distanciar-se do seu país fizeram com que Oswald buscasse uma identidade local e cosmopolita simultaneamente, uma identidade antropofagicamente construída. As várias idas para o Velho Continente davam farto material para a criação oswaldiana, as várias cidades europeias que visitou estão presentes em muitos de seus romances, como ocorre, principalmente no par “Memórias de João Miramar” e “Serafim Ponte Grande”.

\*\*\*

<sup>13</sup> Entrevista com Tarsila do Amaral, sobrinha-neta homônima de Tarsila, por Zoom em 8 jul. 2021.

É, portanto, com esse pano de fundo de experiências prévias de viagens que Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade partiram para o Oriente Médio. Teriam embarcado em 13 de janeiro no vapor *Lotus*, da francesa *Compagnie Messagier Maritime*, em Marselha.<sup>14</sup> Foram na direção de Nápoles e visitaram inicialmente Pompeia e Capri, na Itália. Não é clara a ordem dos destinos subsequentes, mas teriam, então, passado pela Grécia, mais especificamente Atenas e Rhodes. A República da Turquia recém-estabelecida também foi visitada, especificamente as cidades de Esmirna/Izmir e Constantinopla/Istambul. Em algumas fontes há referências à Armênia, fazendo sentido pensar que talvez tenham parado na região da “Petite Arménie”.<sup>15</sup> No Líbano, então sob Mandato Francês, visitaram Beirute, Sidon e Tiro. Pararam na Palestina, sob mandato britânico, onde teriam visitado Haifa, Tiberíades e Jerusalém, partindo finalmente para o Egito, com estadas no Cairo, Luxor e Assuã. Ali concluíram o périplo, antes de visitarem o Vaticano. Em 5 de maio de 1926, Tarsila teve audiência com o Papa Pio XI que anulou seu primeiro casamento com André Teixeira Pinto, o que permitiu sua nova união, com Oswald de Andrade.

Tarsila e Oswald eram considerados ricos e essa viagem em especial se deu em alto nível, com ambos viajando em cabines de primeira classe no navio, e se hospedando nos melhores hotéis disponíveis. Os respectivos filhos, Dulce e Nonê (José Oswald Antônio de Andrade Filho), os acompanharam na viagem como um todo. Especificamente na Grécia e no Egito, contaram ainda com as presenças do escritor Claudio de Sousa<sup>16</sup> e sua esposa Luísa Leite de Sousa, e do político e ex-presidente de São Paulo, e deputado por aquela província, Altino Arantes, e sua esposa.<sup>17</sup> Há muitas fotografias dessas duas paradas da viagem em que todos figuram.

Há no acervo do Museu da Imagem e do Som de São Paulo uma foto de Tarsila e Oswald no convés do navio *Lotus* a caminho da Grécia, bem como foto de ambos no Parthenon, em Atenas. Além da capital Atenas, onde se hospedaram no hotel “Le Petit Palais”, teriam ido ainda à Ilha de Rhodes. A Grécia já era independente havia mais de um século do Império Otomano, mas vivia período tenso com a Turquia naquele período.

Depois da Grécia, seguiram aparentemente para a Turquia, que vivia ainda sua infância como uma república, já que essa só fora declarada em 1923, depois de quase seis séculos de existência do Império Otomano. A cidade de Esmirna, que visitaram, justamente, passava a adotar o nome turquificado de Izmir. A cidade era localidade sensível nas relações entre Grécia e Turquia por conta da larga e pregressa presença grega na mesma, mas que, por conta das trocas de populações, em 1923, diminuía. A cidade que no passado era conhecida como Halicarnassos e terra natal do historiador Heródoto, tinha passado por um terrível incêndio em 1922, e provavelmente Tarsila e Oswald ainda testemunharam ruínas deixadas por esse incidente. A cidade provavelmente estava sendo reconstruída naquele período. Não há indícios de em qual hotel se hospedaram, mas a vista do Monte Pagus impressionou a pintora, que a desenhou. Não se sabe se chegou a visitar o *Kadifekale*, o “Castelo de veludo” existente em seu cume, ou se o admirou de longe.

Tarsila e Oswald seguiram então para Constantinopla. Há pouca informação palpável dessa parte, mas sabe-se que ali se hospedaram no Pera Palace Hotel, construído no final do século XIX no bairro de Pera no lado europeu da cidade. Pertenceu a um comerciante grego, mas em 1923, pela troca de populações, este grego fugiu e governo da Turquia se

<sup>14</sup> Em agosto de 1926 o mesmo S. S. *Lotus* envolveu-se em uma colisão com o vapor turco Bozkurt perto de Mytilene, na Grécia. Marinheiros turcos morreram afogados e a questão foi levada à Corte Permanente e Justiça da Liga das Nações.

<sup>15</sup> Segundo o pesquisador Heitor Loureiro, especialista em armênios, quando há referência à “Armênia Menor”, subentende-se às regiões da Cilícia, Marash, Urfa, Hadjin e Zeytun. A primeira delas é a que se debruça sobre o Mar Mediterrâneo fazendo mais sentido que o casal tenha ali feito alguma parada de navio.

<sup>16</sup> Claudio Justiniano de Sousa (1876-1954)

<sup>17</sup> A esposa de Claudio de Sousa era mencionada na imprensa como “Luisinha” e não há menção ao nome da esposa de Altino Arantes.

tornou proprietário. Quando Tarsila e Oswald ali se hospedaram, em 1926, o governo era de Mustafá Kemal Atatürk. Isso se deu dois anos antes da “Rainha do Crime”, a escritora britânica Agatha Christie, ali também se hospedar, e lançar mais fama ao hotel.<sup>18</sup> Apesar de localizado na antiga capital otomana e sede do califado islâmico, o hotel é em grande medida um prédio “europeu”, com propaganda de ser o primeiro com água corrente quente, elevador elétrico, e cozinha tanto ocidental, quanto oriental.

Constantinopla já tinha mudado seu nome para Istambul e já tinha perdido o título de capital para Ancara, mas seus esplendores tradicionais devem ter atraído o casal e acompanhantes como a ainda mesquita de *Aya Sofya* (antiga basílica bizantina de *Hagia Sophia*), a mesquita de *Sultanahmet*, nas proximidades, e prováveis pechinchas no *Gran Bazaar* e no *Egyptian Bazaar*. Talvez tenham feito um passeio extra de barco para admirar de longe os monumentos da parte antiga da cidade, ou talvez a chegada de navio tenha impactado Tarsila com a paisagem, a ponto de fazê-la registrar o cenário em desenhos.

Depois disso, existem poucas informações de quando e como, mas teriam seguido pela Armênia Menor e Líbano. O Líbano, como dito, estava sob Mandato Francês desde o fim da Primeira Guerra Mundial. Em 1920, Beirute e outras cidades litorâneas foram anexadas ao território autônomo do Monte Líbano, formando, então, o Grande Líbano, que, posteriormente, seria chamado de República do Líbano. Logo, por ocasião da visita do grupo em Beirute, Sidon e Tiro, o Líbano Moderno já tinha suas fronteiras delineadas pelo Mandato e uma intensificação da ocidentalização do Líbano, por parte, dos cristãos maronitas.

Sob a administração francesa, os serviços públicos e as comunicações foram melhorando, Beirute prosperava como centro de comércio com os países vizinhos, atraindo o olhar dos europeus, buscando uma legitimação no mundo ocidental. Conseqüentemente, acentuava-se o seu caráter cosmopolita. Samir Kassir, em “Beirut” (2011), chama a atenção para o *boom* do turismo que aconteceu em 1919 e o aumento da circulação de intelectuais e homens de negócios no país, que já tinha sido chamado pelo escritor Lamartine de “A Suíça do Oriente”. Em 1921, foi publicado o “Guide du Tourisme” e ainda foi aberto, pelos franceses, um escritório nacional de turismo em Beirute, em 1923. Além disso, o Mandato criou um departamento para promover o turismo como política econômica oficial; essas ações intensificaram as viagens da elite francesa para o país do Oriente Médio. Considerando que Oswald e Tarsila iam com frequência a Paris, tudo indica que tenham sido envolvidos pela propaganda e orientalismo para conhecer cidades que, como Beirute, tinham uma história que valia a pena. No Líbano, os viajantes, foram igualmente para as localidades fenícias de Tiro e Sidon. Tiro, uma das mais antigas cidades do mundo, famosa por ser citada no Novo Testamento, como local visitado por Jesus e São Paulo Apóstolo. Já Sidon, além de citada no Antigo Testamento, foi frequentemente citada nas obras de Homero. Não há registros onde se hospedaram em Beirute, considerando a pequena distância que separa a capital das duas cidades ao sul; nelas, provavelmente, não teriam ficado hospedados.

Dali seguiram, então, para a Palestina sob Mandato Britânico, entrando provavelmente pelo porto de Haifa, ao norte, talvez parando em Akko/São João de Acre previamente. A Palestina recebia os tradicionais peregrinos muçulmanos e cristãos, sobretudo para a cidade de Jerusalém, mas já era crescente a presença permanente de judeus movida pelo sionismo – o nacionalismo judaico – e/ou pela fuga da pobreza em perseguições sobretudo no Leste Europeu. Em Haifa, sabe-se que ficaram hospedados no “Hotel Windsor”, que pertencia a uma família árabe. De lá, foram para Tiberíades, onde ficaram no “Hotel Tiberias”, fundado em 1894 por duas famílias de templários alemães que

<sup>18</sup> Em 2022 a plataforma de *streaming* Netflix inseriu em seu catálogo a série turca “Midnight at Pera Palace” que faz alusão tanto à passagem de Agatha Christie pelo hotel, como também do próprio Atatürk.

teriam para ali se mudado em busca de cura para doenças, e que era recomendado para viajantes ocidentais pela agência de viagens Thomas Cook.<sup>19</sup>

Foram, por fim, a Jerusalém, provavelmente de trem. Hospedaram-se no “Allenby Hotel”, construído originalmente em 1898 e que passou por diversas mãos. Quando Tarsila e sua comitiva ali estiveram, pertencia a também templários alemães, no caso da família Fast. Sendo cristãos é provável que tenham ido à Igreja do Santo Sepulcro e locais sagrados da Cidade Velha, bem como ao Monte das Oliveiras.

O Egito aparentemente foi a última parada no Oriente Médio. Passaram ali muitos dias, sobretudo no Cairo, mas foram também à Assuã. No Cairo ficaram hospedados no famoso “Shepherd’s Hotel”, e em Assuã no renomado “The Cataract Hotel”<sup>20</sup>. Há inúmeros registros fotográficos do grupo no Egito, portanto pode-se afirmar que visitaram as pirâmides e fizeram passeio de camelo.

Oswald, assim como Cláudio de Sousa, frustrou-se com essa viagem e pela voz de Serafim o narrador registraria:

[...] Atravessou a Fenícia atropelando as primeiras caravanas, à vista de um mar de folhinha, sólido, litográfico, ondeando pontas desertas de terra vermelha. Sidon e Turo como um museu roubado, num esplendor emudecido que a terceira velocidade ia deixando para trás em barras, nas mãos muçulmanas de cinesíforo de fez (ANDRADE, 1990, p. 131).

Depois de alguns dias de viagem pelo Oriente, partiram para o Vaticano e então Paris. Na capital francesa Tarsila inaugurou exposição individual na Galeria Percier, em junho, com vestido feito por Paul Poiret. Em julho deixaram Paris e regressaram ao Brasil; e em outubro, Tarsila e Oswald se casaram em São Paulo.

## AS POSSÍVEIS RAZÕES PARA A VIAGEM

Não há registros do verdadeiro interesse pelo Oriente, poderia ser tanto um interesse pelo “exótico” ou ainda um *tour* de caráter religioso, não sabemos também ao certo onde o grupo se formou. É certo que Tarsila, Oswald e os filhos saíram de Marselha em 13 de janeiro de 1926, seguindo o roteiro indicado e estando no Vaticano em maio. Notícias publicadas no “Jornal do Commercio” e disponíveis na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional indicam que o deputado Altino Arantes esteve em Roma em 31 de dezembro de 1925, sendo homenageado em almoço oferecido pelo embaixador Magalhães de Azeredo. Em 14 de fevereiro de 1926 há referências de que estivesse então no Egito com a esposa,<sup>21</sup> e que em 10 de abril de 1926 já estava de volta à Paris, onde foi agraciado com um banquete organizado pelo embaixador Luiz Martins de Souza Dantas. Em 1º de maio de 1926 havia informe de seu regresso para o Brasil, publicado no mesmo jornal, de modo que é provável que só tenha se juntado ao grupo no Egito mesmo.

Muitas parecem ser as razões pelas quais a viagem ao Oriente Médio foi empreendida em 1926. Eis uma possível lista delas: 1) A viagem ao Oriente teria se dado

<sup>19</sup> Agrade-se ao pesquisador e guia de turismo israelense, Adi Eshed, pela pesquisa em fontes locais, como da Biblioteca Nacional Israelense, sobre os hotéis em que Tarsila e Oswald se hospedaram.

<sup>20</sup> Esse hotel também ficaria muito associado à Agatha Christie que ali passou uma temporada nos anos 1930 e teria escrito o livro “Morte no Nilo” inspirada por essa estadia. Winston Churchill também era hóspede tradicional do hotel.

<sup>21</sup> Entre 20 de fevereiro e 6 de março de 1926 foi realizada no Cairo a “Exposição Agrícola e Industrial do Egito” sob patrocínio do rei Fouad I. (Correio da Manhã, 6/11/1925, p. 2 – Hemeroteca Digital – Acervo Fundação Biblioteca Nacional). Aparentemente a razão da estada específica de Altino Arantes no Egito teria sido para participar da mesma.

porque já era moda intelectual o Orientalismo nos períodos em que o casal circulou/morou na França. O casal culto que adorava ler pode ter lido Pierre Loti ou Edmund de Amicis, entre outros, e se inspirado? 2) O casal, como boa parte da elite paulista da época, era muito próximo à França, que possuía orientalismo histórico e dominava diretamente Marrocos, Tunísia, Argélia, Síria e Líbano. Podem ter lido jornais, ou outras mídias, em que as questões eram abordadas com regularidade, na França. 3) Na virada do século XIX para o XX há *boom* da imigração de “turcos”, súditos otomanos do que seria Síria, Líbano etc. para o Brasil, com larga presença na São Paulo em que viviam. Talvez tenham tido contato com esses imigrantes e ficado curiosos? 4) Ou ainda haveria razões religiosas uma vez que Tarsila estudou no Colégio Sion, criado por dois judeus convertidos, e ali se falava algo sobre Palestina, Jerusalém etc. ou mesmo por que Oswald era profundamente religioso? 5) Por que consumiam na imprensa brasileira largas referências à região? Periódicos digitalizados da Biblioteca Nacional do início dos anos 1920, por exemplo, estão recheados de alusões à filmes com temática oriental e matérias sobre grandes estrelas da época falando sobre viagens para gravar filmes no Oriente Médio. Como dito, havia inúmeras propagandas de místicos orientais que se promoviam, com ciganas, profetas etc., além de propagandas de viagens de navios para a região.

A pesquisa empírica indica algumas possíveis respostas. A primeira delas tem a ver com a influência de Olivia Guedes Penteado, mecenas dos modernistas, que tinha apartamento em Paris, participou da viagem de 1924 por cidades históricas no Brasil e em dezembro de 1925, convidou Carlota Pereira de Queiroz, ainda uma estudante de Medicina, que depois viria a ser deputada constituinte em 1933, a acompanhá-la numa grande viagem que começou em Tanger (Marrocos), seguindo para Tripoli (Líbia), Alexandria, Cairo, Palestina, Istambul e Atenas (SCHPUN, 2011). Sendo muito amiga de Tarsila do Amaral, é possível que essa viagem possa ter influenciado sua visita ao Oriente Médio.

Porém, há uma outra possibilidade pelo interesse ao Oriente Médio: para familiares de Tarsila do Amaral uma possível resposta teria a ver com a profunda amizade com o estilista Paul Poiret. O estilista nasceu em 1879, ficou muito famoso nas primeiras décadas do século XX e morreu praticamente esquecido em 1944. Foi grande estilista e pioneiro da moda na França, começando por conta própria, depois atuando com outros costureiros e em 1903 abriu ateliê de costura em Paris. Ele teria ficado muito impactado pelo balé russo, com seus figurinos, o que teria ampliado seu interesse pelo Oriente. A região lhe servia de inspiração, e ele fez perfumes com imagens orientais, além de roupas inspiradas em trajes persas etc. A paixão de Poiret pelo Oriente fez com que fosse chamado de *Magnifique*, em alusão ao sultão Suleiman, reinante na época áurea otomana do século XVI (VASSILEV, 2013).

Oswald de Andrade teria conhecido Paul Poiret através da bailarina Isadora Duncan para a qual o estilista fez figurinos e que tinha sido, provavelmente, namorada de Oswald quando de sua passagem pelo Brasil em 1916. Oswald então apresentou Poiret a Tarsila e eles ficaram muito amigos. A roupa de casamento de ambos foi feita pelo estilista que vivia então uma fase de decadência. Ainda hoje a família de Tarsila tem móveis e objetos feitos por Poiret que talvez tenham sido comprados pela pintora por amizade ou para ajudá-lo em fase já difícil.

## OS IMPACTOS DA VIAGEM NAS OBRAS DE TARSILA, OSWALD E OUTROS

Oswald de Andrade escreveu o capítulo “Os Esplendores do Oriente”, em “Serafim Ponde Grande”, inspirado nessa viagem. Claudio de Sousa já havia publicado livro em dois

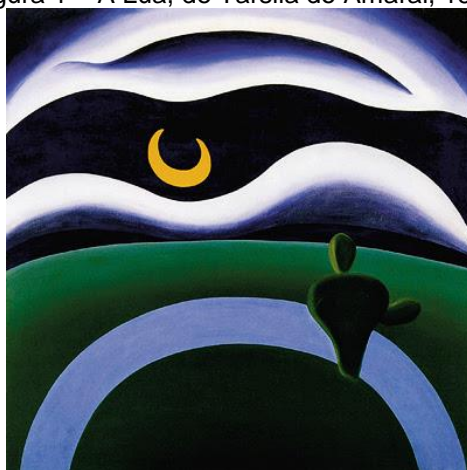
volumes, em 1926, e em 1928 fez palestra especificamente sobre essa viagem em evento organizado pela ex-primeira-dama Nair de Tefé Hermes da Fonseca para levantar recursos para flagelados em catástrofe em Santos, e ainda publicou no mesmo ano “De Paris ao Oriente”, obra, apesar de não ser documental, um narrador anônimo conta a viagem de um grupo para o Oriente Médio. De acordo com Antonio Candido (1993, p. 141):

De Paris ao Oriente parece contar a viagem como ela ocorreu, mas sem exatidão documentária, pois começa por suprimir o menino e as três senhoras. O narrador é anônimo e os nomes dos companheiros são discretamente alterados: Altino Arantes é Amaral e Oswald, Gonçalo, não havendo, porém, razão para pensar que tenha havido distorção essencial dos fatos, além de toques literários inevitáveis.

E o que teria ficado dessa viagem para Tarsila? Há fotografias e lembranças de viagens, como “cartões de restaurante, identificações de hotéis, ticket de navios, bilhetes de espetáculos, museus, teatros, recibos de despesas diversas, anúncios ou cartões de estabelecimentos comerciais, notas de jornais”, em acervo de sua família (MENDONÇA, 2016). Tarsila tinha o hábito de juntar esse material em viagens e os organizava na forma de colagens, por sinal bastante artísticas. E há desenhos de localidades como Constantinopla e Esmirna. “Ainda que tenha feito estudos com anotações de cor – provavelmente com o intuito de ampliar a paisagem em futuras pinturas – a artista nunca retomou essa série de esboços” (TARSILA VIAJANTE, 2008, p. 30).

Ao que tudo indica, porém, a viagem influenciou Tarsila na feitura de algumas obras, a saber “Sagrado Coração de Jesus” (1926) e “A lua” (1928) (Figura 1). Essa última foi adquirida em 2019 pelo Museu de Arte Moderna de Nova York por 20 milhões de dólares. A lua ali representada não parece uma lua qualquer, mas com um crescente, símbolo do Islã e da bandeira da Turquia que visitara pouco antes.

Figura 1 – A Lua, de Tarsila do Amaral, 1928.

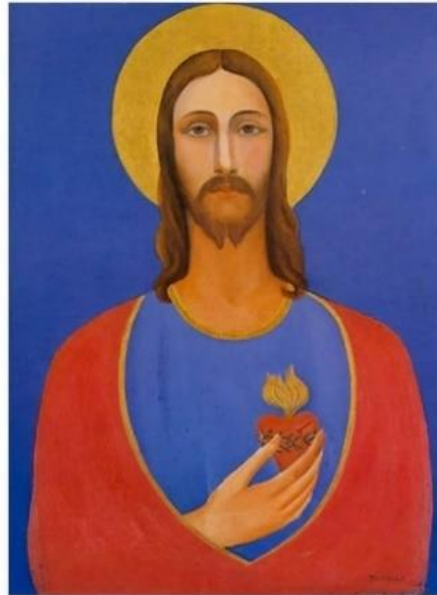


Fonte: MoMA, Nova York, EUA.

De acordo com diversas fontes, foi aos 16 anos, em 1904, que Tarsila pintou seu primeiro quadro. Era então estudante em um colégio interno em Barcelona, Espanha, e o quadro era uma cópia de imagem europeia do que chamou de “Sagrado Coração de Jesus”

(Figura 2). Teria demorado um ano na elaboração desse trabalho, e assinou-o como “Tharcilla”. Sua tela de mesmo nome pintada em 1926, porém, é muito diferente. Percebe-se nele “segura inspiração bizantina na auréola dourada circular na pintura” (*Tarsila viajante*, 2008, p.18).

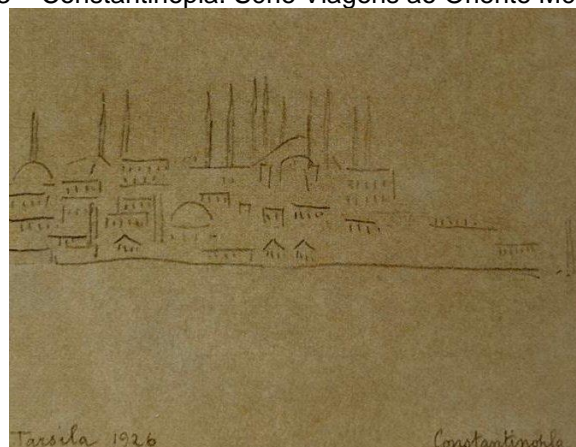
Figura 2 – Sagrado Coração de Jesus, de Tarsila do Amaral, 1926.



Fonte: Coleção particular, São Paulo.

Em 2008 foi publicado um catálogo em 3 volumes organizando todas as obras publicadas de Tarsila. Ao folhear este catálogo descobre-se um desenho do panorama mais famoso de Constantinopla/Istambul, com minaretes da *Ayasofya* e grandes complexos que envolviam não só mesquitas, mas também caravanserais (alojamento para viajantes), cozinhas que serviam comidas para pobres, escolas religiosas e afins.

Figura 3 – Constantinopla. Série Viagens ao Oriente Médio, 1926



Fonte: Coleção Particular, São Paulo.

\*\*\*

Em relação a Oswald de Andrade, seu nome é lembrado no âmbito do Modernismo Brasileiro como um dos que fizeram a ponte entre a elite econômica e literária de São Paulo para a realização da Semana de Arte Moderna de 1922. No entanto, o debate proposto aqui é pensar em especial sobre o capítulo “Os esplendores do Oriente”, do romance “Serafim Ponte Grande”. A obra é considerada o divisor de águas na obra oswaldiana, pois para se entender os efeitos da produção artística é necessário interrelacionar arte e vida cultural e assim articular as relações internas que o processo de textualização mantém com o dialogismo existente entre a obra literária e a vida social.

“Serafim Ponte Grande” (1933), ao lado de “Memórias Sentimentais de João Miramar” (1924), é considerado pela crítica a obra-prima do autor. No par Miramar/Serafim, Oswald realiza tanto transformações estéticas quanto a experimentação criadora. De acordo com Haroldo de Campos (2019), Oswald articula recursos estéticos à realidade do mundo exterior ao texto, e ainda cria uma linguagem dessacralizante, uma linguagem de ruptura com o sentimentalismo, como também privilegia a técnica do fragmento e dando um novo aspecto ao corpo físico da obra, reforçando sua preocupação com a fisicalidade de seus romances. Paródia da vida burguesa, “Serafim Ponte Grande” apresenta uma sociedade fissurada pelas imposições sociais e inquieta com as instituições e a moral vigente, bem como se coloca contra o cotidiano burguês, a falsa moral dos costumes e a literatura beletrista.

O romance apesar de ter sido escrito entre 1925 e 1929, só foi publicado em 1933, após a publicação do Manifesto Antropofágico (1928), quando Oswald já estava voltado para uma literatura com preocupações mais sociais.

Em 1926, escreveu um prefácio que trazia a preocupação do autor com a estética; porém, o segundo prefácio, de 1931, e que foi publicado, anunciava a transformação do autor quando ele se propôs a deixar de ser o “palhaço da burguesia” para ser “o casaca de ferro do proletariado”. Paródia da vida burguesa, a narrativa se apresenta com um narrador em primeira e terceira pessoa, o mundo de Serafim mostra uma sociedade fissurada pelas imposições sociais e revoltada contra as instituições. O riso e o sarcasmo levam-no a crer na possibilidade de uma ação libertária, a viagem daria, assim, a oportunidade ao surgimento de uma nova atitude diante da vida.

Serafim surge como um novo herói na narrativa para explorar novas possibilidades, rompendo com os símbolos e colocando-se superior ao seu tempo. Devorando o tempo, o protagonista realiza uma captação acrônica do mundo utópico através de uma viagem inscrita no texto. Deste modo, a busca da liberdade extrapola os limites do tempo, a viagem, que passa por diversos países, da Europa ao Oriente Médio, vai além dos limites da censura e do proibido, por onde passava se entregava aos prazeres sexuais e às conquistas amorosas. A passagem pelo Oriente radicaliza as ações do protagonista, que investe contra a insistência da total servidão às aparências.

Notamos que, do campo literário, poucos autores brasileiros do período visitaram o Oriente Médio, por isso, como já apontado, as referências aconteciam sob as diretrizes do orientalismo. A viagem do grupo resultou em duas produções literárias, um capítulo de “Serafim Ponte Grande”, de Oswald de Andrade e “De Paris ao Oriente”, de Cláudio de Sousa. Nesta última, apesar de não ser um texto documental, há situações possíveis de terem acontecido. Vemos Oswald representado no personagem Gonçalo e trazendo em algumas passagens com contradições, “Na igreja de Pompeia, por exemplo, o narrador vê com surpresa o irreverente Gonçalo rezando...” (SOUZA *apud* CANDIDO, 1993, p. 41).

Já em “Os esplendores do Oriente”, capítulo de *Serafim Ponte Grande*, vemos a transfiguração dessa viagem, como aponta o crítico Antonio Candido, temos “um Oriente esqualido é cenário de vertiginosa perseguição erótica das duas moças [...] pelo



protagonista” (CANDIDO, 1993, p. 141). As transgressões sexuais marcam os episódios narrados, ao longo do capítulo, sem uma lógica cronológica. As localidades visitadas pelo protagonista e elementos constituintes da cultura oriental são apresentadas como se estivessem num caleidoscópio, numa mescla de aventuras. Há no início do capítulo a “esquadra abandonada pelos persas nas usinas do Pireu”, depois encontramos com o “porteiro de Ali Babá”, “o Bar Bristol entre cindros e cadeiras sírias”, “os soldados curdos navegavam a essência dos copos litúrgicos dos armênios candelabros”, “o Nilo frente a frente”, mais adiante vê-se “O Mediterrâneo balanceado pelas mitologias”, “o deserto da Judeia” ou “Muro das Lamentações”.

Serafim, funcionário público nada convencional, é irreverente, rompe com a moralidade imposta pelas instituições, a sua sexualidade é exercida em toda a plenitude, não tem limites, é profano, sua linguagem é obscena, é um antropófago em exercício (AZEVEDO, 2012). Na França, no Café de Paris, conhece Caridad-Claridad e Pafuncheta, “João no colégio, Pafuncheta na vida.” (ANDRADE, 1990, p. 128). Anunciam que estão de partida para o Oriente, Serafim, ainda no Café, tenta agarrar Pafuncheta, mas esta foge e avisa que também iriam para Jerusalém, “mande-nos retrato para Jerusalém...Convento São José...padroeiro dos trouxas...” (ANDRADE, 1990, p. 128).

O protagonista, ao chegar na Turquia, primeira parada no Oriente, sai em busca dos prazeres sexuais, cria um harém que já contaria com “quatro fêmeas, as duas italianinhas, Pafuncheta e Caridad.” (ANDRADE, 1990, p. 131). Sua viagem pelo universo do erótico e da liberdade sexual plena é iniciada, a entrada pelo mundo do “escapismo sexual” (SAID, 1996, p. 197) se concretiza. No Oriente, a liberdade sexual é possível, é verdadeira e plena, ali seria permitido o proibido, o sagrado e o profano unindo-se em celebração à vida.

A viagem se encerra em Alexandria, quando terminam as aventuras de Serafim no Oriente:

Em Alexandria, um navio passava como um bonde. Serafim tomou-o. O Oriente fechou-se. Tudo desapareceu como a cidade no mar, seus brilhos, seus brancos, suas pontas de terras, esfinges, cafetãs, fezes, camelos, dragomãs, pirâmides, haréns, minaretas, abaias, pilafs, desertos, mesquitas, templos, tapetes, acrópoles, ingleses, inglesas (ANDRADE, 1990, p. 141).

O protagonista precisa seguir viagem e perceber ser preciso encerrar as páginas da liberdade sexual no Oriente, para antropofagicamente, continuar a destronar a civilização ocidental.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como indicado no início desse texto, muitas poderiam ser as lentes de análise para tratarmos da viagem de Tarsila e Oswald – ou “Tarsiwald” conforme apelido do casal dado por Mario de Andrade (PRIORE, 2022, p. 37). No âmbito dos ainda incipientes Estudos de Oriente Médio a partir do Brasil julgamos útil atentar para o que pode ser entendido como um “orientalismo tropical”, uma busca por conhecer a região que não se dava necessariamente através do desejo de conhecer para dominar, como detalha Edward Said.

A viagem de Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade ao Oriente Médio de certa forma se insere em uma linha de viagens empreendidas por membros da elite econômica

brasileira – iniciada pelo citado Eduardo Prado e chegando à Olivia Guedes Penteadó, não por acaso grande amiga de seu sobrinho Paulo Prado, – almejando talvez uma região pitoresca e exótica e espantando-se pelo tanto de Europa já presente ali. Mary del Priore (2022, p. 40) conta que Oswald de Andrade queria saber “se os orientais são mesmo perfumados”. Viajavam de primeira classe e hospedavam-se em hotéis de luxo, e não se sabe se tentavam visitar locais e ver coisas fora do roteiro padrão, ou mesmo conhecer a arte local. Se as viagens anteriores de integrantes da elite brasileira já são pouco conhecidas, aquela empreendida pelo casal de Modernistas talvez seja ainda mais escondida pelo grau de discrição e mesmo sigilo que no geral mantinham sua relação. Para Tarsila, em especial, “ser pintora modernista já era transgressivo. Ser malfalada, um castigo” (PRIORE, 2022, p. 38).

No âmbito do esforço da chamada História Global, atentarmos para a viagem em questão permite por um lado termos mais um olhar sobre encontros do Brasil com o Oriente Médio – juntando-se assim ao esforço de ir além do ocidentocentrismo - na forma de uma viagem e dos produtos que dela resultaram. Trata-se de um encontro de dois “restners” (DRAYTON; MOTADEL, 2018), ou seja, representantes do “resto” do mundo que não era Europa ou EUA - que deixaram algumas marcas, assim como aquelas deixadas pelo imperador d. Pedro II e já alvo de amplas pesquisas, publicações e exposições.

Por outro lado, é também um exemplo de iniciativa só possível em função da chamada primeira globalização (1870-1914) que legou navios a vapor e estradas de ferro – que aumentavam a capacidade de transportar passageiros e diminuía os custos, além do encurtar trajetos -, agências de turismo, permitindo que agora classes mais abastadas e mesmo a classe média realizasse viagens antes restritas a nobres. Não era um “raio em céu azul” uma vez que ricos europeus e estadunidenses também o faziam desde meados do século XIX no contexto do *Grand Tour*. Segundo Mark Twain em seu livro “Innocents abroad” (1869) eram em grande medida “excursões de prazer” ou um “piquenique em escala gigantesca”.

Tarsila e Oswald estavam mais preocupados em interpretar, pensar e influenciar o Brasil juntos ou separados. Seus lugares no panteão do Modernismo estão mais que assegurados em função de esforços de vários pesquisadores de mostrar a complexidade de suas vidas, relacionamentos e obras. Juntamo-nos aqui a esse esforço ao lembrar que apesar do amplo esforço de ambos de encobrir de todas as formas seu romance (PRIORE, 2022, p. 38) em especial antes do casamento em função dos tabus de então, ambos ousaram viajar por terras distantes e nos deixaram obras artísticas que demandam também atenção.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald. *Serafim Ponte Grande*. Porto Alegre: Globo, 1990.

AZEVEDO, Ana B. S. S. *Antropofagia: palimpsesto selvagem*. 2012. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Coparada. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

BOAVENTURA, Maria E. *O salão e a selva: uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade*. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp/Ex-Libris, 1995.

BISSIO, Beatriz. *O mundo falava árabe: a civilização árabe-islâmica clássica através da obra de Ibn Khaldun e Ibn Battuta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

DRAYTON, Richard; MOTADEL, David. Discussion: The futures of Global History. *Journal of Global History*, v. 13, p. 1-21, 2018.

ELSHAHEED, Mohammed. Egypt here and there: the architectures and images of National Exhibitions and Pavilions, 1926-1964. *Anlsl*, 50, p. 107-143, 2017.

CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DAZZI, Camila. Uma rua em Tânger, e Pedro Américo - representações do Oriente islâmico no Brasil Oitocentista. Disponível em:  
[http://www.dezenovevinte.net/obras/cd\\_orientalismo.htm#\\_edn4](http://www.dezenovevinte.net/obras/cd_orientalismo.htm#_edn4), acesso em 16 mar. 2023.

GOTTLIB, Nadia B. *Tarsila do Amaral: a modernista*. São Paulo: Senac, 2000.

KASSIR, Samir. *Beirut*. Berkley: University of California Press, 2011.

LENZI, Maria I. R. *Pereira Passos: notas de viagens*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

MAKDISI, Ussama. Ottoman Orientalism. *The American Historical Review*, v. 107, n. 3, p. 768-796, 2002.

MENDONÇA, Roxane S. R. de. *Tarsila do Amaral: seu legado como objeto de memória e consumo (1995-2015)*. 2016. Tese (Doutorado em História). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

OTTONI, Cristiano. *Autobiographia*. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1908.

OMRAN, Muna. Uma das mil histórias do Sahrazado Baiano: a descoberta da América pelos turcos. In: CHIARELLI, Stefania; OLIVEIRA NETO, Godofredo de. (orgs.) *Falando com estranhos: o estrangeiro e a literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2016.

PRADO, Eduardo. *Viagens*. Paris: V. Goupy & Jourdan, 1886.

PRIORE, Mary del. *Tarsila: uma vida doce-amarga*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como Invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SCHPUN, Mônica R. Regionalistas e cosmopolistas: As amigas Olivia Guedes Penteado e Carlota Pereira de Queiroz, *Artelogie*, 1, 2011, Disponível em:  
<http://journals.openedition.org/artelogie/8752>. Acesso em: 16 ago. 2022.

SOCHACZEWSKI, Monique. *Trópicos orientais/Orientes tropicais: reflexões sobre o Brasil e o Oriente Médio*. Rio de Janeiro: Talu Cultural, 2019.

STOREY, William K. *Writing History: A Guide for Students*. New York/Oxford: Oxford University Press, 2004.

PINACOTECA DO ESTADO. *Tarsila viajante*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2008.

TWAIN, Mark. *The Innocents abroad*. Hartford: American Publishing Company, 1869.

VASSILIEV, Alexandre. Orientalism and Fashion. In: *1001 Faces of Orientalism*. Istanbul: Sabanci University/Sakip Sabanci Museum, 2013.

## NOTAS DE AUTOR

### AUTORIA

**Monique Sochaczewski:** Doutora em História, Política e Bens Culturais pelo CPDOC da Fundação Getulio Vargas (FGV). Professora Permanente, Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP), Mestrado Profissional em Direito, Justiça e Desenvolvimento, São Paulo, SP, Brasil

**Muna Omran:** Doutora em Letras/Instituto dos Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora Colaboradora, Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), Niterói, RJ, Brasil

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Rua Itapeva, 538/10<sup>o</sup> andar – Bela Vista – Cep: 01332-000 - São Paulo – SP – Brasil

### ORIGEM DO ARTIGO

Originado de cursos e *lives* levados à cabo pelas pesquisadoras no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre o Oriente Médio (GEPOM) ao longo de 2022 a partir de pesquisa própria

### AGRADECIMENTOS

Não se aplica

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Os papéis descrevem a contribuição específica de cada colaborador para a produção acadêmica inserir os dados dos autores conforme exemplo, excluindo o que não for aplicável. Iniciais dos primeiros nomes acrescidas com o último Sobrenome, conforme exemplo.

**Concepção e elaboração do manuscrito:** M. Sochaczewski, M. Omran

**Coleta de dados:** M. Sochaczewski, M. Omran

**Análise de dados:** M. Sochaczewski, M. Omran

**Discussão dos resultados:** M. Sochaczewski, M. Omran

**Revisão e aprovação:** M. Sochaczewski, M. Omran

### FINANCIAMENTO

Não se aplica

### CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica

### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica

### CONFLITO DE INTERESSES

Nenhum conflito de interesse foi relatado

### DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS

Os conteúdos subjacentes ao artigo estão nele contidos

### PREPRINT

O artigo não é um preprint

### LICENÇA DE USO

© Monique Sochaczewski e Muna Omran. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.



## **PUBLISHER**

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

## **EDITORA**

Eça Pereira da Silva

## **HISTÓRICO**

Recebido em: 5 de setembro de 2022

Aprovado em: 12 de novembro de 2022

Como citar: SOCHACZEWSKI, Monique; OMRAN, Muna. Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e o Oriente Médio. *Esboços*, Florianópolis, v. 30, n. 53, p. 124-144, jan./abr. 2023.

